

O cântico do Cordeiro



Queridos irmãos e irmãs cistercienses!

Ultimamente me encontrei muitas vezes a advertir as comunidades à obra de comunhão como o dever mais urgente, no qual devemos nos dedicar, se quisermos avançar no caminho da vocação e da missão que o Espírito Santo nos doou e confiou. Se não houver consciência de nossa vocação fundamental, torna-se difícil, e as vezes impossível, tratar, corrigir e educar os elementos parciais e temporários da vida de nossas comunidades, ainda que, muitas vezes, são esses elementos a atrair maior atenção.

A sinfonia da comunhão

Muitas vezes, os desenhos infantis são mais significativos que as obras dos grandes artistas. Este desenho faz-me pensar que a comunidade é como uma grande ou pequena orquestra, na qual é confiada a tarefa e a alegria de realizar uma sinfonia onde cada membro tem o seu papel, a sua partitura para executar, sempre, porém, em harmonia com todos outros músicos, sob a direção de um superior, que representa o grande Mestre da sinfonia do universo, Jesus Cristo.

No desenho desta criança, a orquestra preenche o espaço entre a terra, bem evidenciada em marrom, e o azul do céu no alto. É como se a orquestra tivesse que unir a terra com o céu, preencher o espaço vazio e sem cor que os separa.

O diretor, mesmo tendo os pés no chão, usa uma roupa da cor do céu. Estranhamente, parece que os músicos não têm os instrumentos. São eles mesmos os instrumentos da sinfonia, como em um coro vocal.

Ao lado da orquestra, um grupinho de espectadores, que parecem crianças, atraídas pela música e parecem caminhar em direção a orquestra. Eles ainda não tem faces com nariz, olhos, boca. Ao invés, os músicos começam a ter esses traços da face humana.

Parece-me que este desenho exprima a obra da comunhão que somos chamados a cumprir juntos, e na qual toda comunidade deve consagrar-se primordialmente. É a obra mais importante para nós, porque reconcilia o céu com a terra, preenchendo de sentido, cor, beleza e harmonia o espaço do tempo que vivemos. Cristo a rege, o Deus do Céu, que se fez homem e caminhou sobre a Terra, penetrando até a mansão dos mortos para reconciliar o homem com Deus. Quem aceita participar, quem aceita fazer parte da orquestra, adquire sempre mais os traços de sua verdadeira face, sua verdadeira personalidade, torna-se cada vez mais si mesmo. E isso atrai a humanidade perdida e sem face para esta sinfonia regida por Cristo para a salvação de todos. O mundo inteiro é, de fato, chamado e atraído a entrar na sinfonia da comunhão da Igreja.

Os músicos, para serem verdadeiramente executores desta sinfonia, estão, porém, bem sentados em seu lugar, diante dos púlpitos verdes que parecem uma floresta de árvores, sob o qual estão pousadas as partituras que devem ser executadas. No entanto eles não olham apenas para o púlpito e a partitura: olham, contemporaneamente, para o Diretor azul com os pés no chão. Tudo está parado com seu gesto, as mãos levantadas, do qual se pode ver claramente os dedos. A partitura, distribuída a cada um, é a Palavra de Deus, o Evangelho, assim como para nós, a Regra de São Bento e todo o tesouro da sabedoria cristã e monástica que a Igreja e a Ordem nos transmitem. Cada um deve estudá-los com atenção. Porém, se faltasse a atenção ao único Mestre, que aqui e agora, rege a orquestra, as partituras permaneceriam letra morta, cuja execução só iria produzir dissonância, ruído, cacofonia, e não a bela e atraente harmonia da Comunhão trinitária que Deus quer doar à humanidade.

O acesso à comunhão

No capítulo 63 da Regra, São Bento estabelece a ordem que se deve ter na comunidade. É fundamentalmente a ordem ditada pelo momento que cada um é chamado e guiado por Deus para entrar no mosteiro. Portanto, não é uma ordem "natural", mas uma ordem "vocacional", estabelecida pela escolha e pela graça de Deus; mas também pela resposta livre de cada pessoa à chamada do Senhor. É interessante notar que São Bento fala como uma ordem que deve ser mantida, por assim dizer, *caminhando*, avançando em direção a alguma coisa. É, de fato, para

respeitar quando os irmãos “*apresetam-se* ao sinal da paz, para a Comunhão, para entoar os salmos, para estar no coro – *sic accedant ad pacem, ad communionem, ad psalmum inponendum, in choro standum*” (RB 63,4).

A ordem ao interno da comunidade é a ordem com a qual progredimos, apresentamos os gestos e expressões mais profundas e significativas da vida monástica: a paz fraterna, comunhão eucarística com Cristo e em Cristo, a oração dos salmos e da liturgia que nos reúne no coro. Estes aspectos não são apenas litúrgicos, mas são as dimensões da vida humana redimida por Cristo, que nos dá um relacionamento novo entre nós e com Deus. A comunidade, reunida na paz da comunhão com Cristo que reza ao Pai (Salmos) no amor do Espírito (o coro como o Cenáculo de Pentecostes), encarna a obra da sinfonia da comunhão em que todos são chamados por Deus, com uma escolha pessoal, determinada e única, mas que só se realiza se nos levar a caminhar juntos em direção a uma plena comunhão com Cristo e em Cristo, a partir do qual irradia a paz fraterna entre todos os homens e com Deus.

Quanto mais visito as comunidades, e ouço cada monge e monja, mais me convenço que aquilo que falta e se negligencia é, justamente, a obra de comunhão, simbolizada pela execução da orquestra que mencionei no início. Nos preocupamos e reclamamos de tudo, exceto com o desvanecer do essencial que Cristo veio trazer ao mundo, do desaparecimento daquilo pelo qual Cristo morreu e ressuscitou, por aquilo que deu vida à Igreja, por aquilo pelo qual enviou o Paráclito: a comunhão com Ele, e n'Ele com o Pai, e todos os irmãos e irmãs, no amor do Espírito Santo. A obra sinfônica da comunhão com Cristo e em Cristo, deveria ser o coração e a alma de cada compromisso pessoal e comunitário de seguir Jesus. É a obra essencial na qual somos chamados a seguir a nossa vocação, guiados pela Regra de São Bento, segundo o carisma cisterciense. É obra pela qual cada um de nós e cada comunidade recebe de Deus todas as ajudas interiores e exteriores para se tornarem operários ou se preferirmos, músicos. Os superiores e superioras não deveriam pensar se não nisto, assim como todos os formadores, mas também os celereiros, os responsáveis pela hospitalidade, párocos, cantores, enfermeiros, todos, até o último que entrou na comunidade, isto é, todos os "operários" que Deus chamou e escolheu "em meio a multidão do povo" para doar e transmitir "a vida verdadeira e eterna" (cf. RB Prol. 14-17). Porque a vida verdadeira e eterna é a vida de comunhão: "Se queres possuir a verdadeira e perpétua vida, guarda a tua língua de dizer o mal e que teus lábios não profiram a falsidade, afasta-te do mal e faze o bem, procura a paz e segue-a" (RB Prol. 17; SI 33,14-15).

Sem a alma da consagração de nós mesmos à comunhão de Cristo, nenhum problema ou dificuldade das comunidades pode ser resolvido, nenhuma formação pode ser seriamente definida, nenhuma nova vocação pode ser adequadamente atraída e acolhida, nenhuma crise pode ser superada, nenhum equilíbrio entre oração e trabalho, contemplação e missão, o silêncio e a palavra, pode ser encontrado.

Fora do âmbito de uma comunhão vivida e sempre de novo procurada, nenhuma conversão pode ser pedida e querida; nenhuma estabilidade encontra terreno e casa para realizar-se.

Mas como nos "apresentamos" a comunhão, fonte de paz, de união com Deus e com os irmãos? O que somos chamados a escolher para nos decidir pela comunhão de Cristo?

Convidados para as núpcias do Cordeiro

A comunhão cristã, antes de ser um elo entre nós, é a relação de amor que nos une a Jesus Cristo. Esta relação é dom pascal por excelência, que faz da Eucaristia o coração pulsante da Igreja, porque a Eucaristia é a coincidência imediata do morrer por nós de Cristo e da nossa comunhão com Ele ressuscitado dos mortos. São Paulo exprime claramente este mistério escrevendo aos Tessalonicenses: "Ele morreu por nós, porque (...) vivamos junto com ele" (1 Ts 5,10).

Este viver juntos com Jesus, que nos ama tanto para morrer por nós, tem uma dimensão sponsal que toda a Sagrada Escritura nos anuncia e descreve. Cristo é o Esposo que dá a cada ser humano a plenitude e a salvação da vida na união com Ele que nos une ao Pai, no Espírito.

Recuperar a dimensão da comunhão sponsal com Cristo, na consciência de nós mesmos e no viver a nossa vocação, é a grande urgência que eu ouço "gritar" na nossa Ordem, e um pouco em toda a Igreja, da situação e da crise nas pessoas e comunidades. Se muitas vezes se vive a vocação como solteirão ou solteironas que só pensam em si mesmos, não é tanto porque não somos casados, mas porque não vivemos e cultivamos a dimensão sponsal em nosso relacionamento com Cristo. Dimensão sponsal, o que significa que a relação com Cristo é para nós, bem como para todos, a realização afetiva do coração e a fonte permanente da fecundidade de nossa vida.

A Páscoa é um convite ardente e definitivo para cada um de nós às "núpcias do Cordeiro" (Ap 19,7.9; 21,9).

O livro do Apocalipse fala constantemente do Cordeiro, o Cristo-Cordeiro, imolado e vivo, que é, com o Pai, o centro da nova Jerusalém, a cidade da nossa comunhão com Deus e com todos, o centro do mistério da Igreja, a Esposa que desce do céu para abraçar toda a humanidade através e na Redenção de Cristo, que faz novas todas as coisas.

A imagem do Cordeiro de Deus, do Cordeiro que é Deus, Filho do Pai, concentra assim todo o mistério da comunhão com Deus, que nos é oferecido e doado no Cristo pascal, "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1,29).

Quando o autor do Apocalipse fala do Cordeiro, no meio das descrições do drama da história do mundo, marcada no passado, como hoje, pela violência, pecado, mentira e morte, é sempre para nos ajudar a aceitar e viver em comunhão com Jesus e em Jesus que salva e transforma a nossa vida e o mundo. O Cordeiro é o pastor que nos conduz às fontes das águas da vida (cf. Ap 7,17). O Cordeiro é o Esposo da Igreja, cujo banquete das bodas somos convidados (Ap 19,7.9, 21,9).

Com o Pai, é também o templo da nova cidade e sua fonte de luz (Ap 21,22-23). Dele, como do Pai, flui o rio da vida (Ap 22,1).

Sim, Cristo é o Cordeiro Pastor, que nos guia; o Esposo, cuja bodas somos convidados; é o Templo do nosso verdadeiro culto a Deus Pai, da verdadeira oração; a fonte da única luz que ilumina a nossa vida e da vida eterna. Somos chamados a deixar-nos conduzir por Ele à união com Ele, para que a nossa sede de vida eterna e de luz possa ser saciada.

Se pensamos em tudo isso, temos de admitir que, muitas vezes, nos conformamos com um relacionamento com o Cristo ressuscitado mais superficial e parcial. Deixamos de viver um relacionamento com Ele segundo todos os "registros musicais" que Ele coloca à nossa disposição, através da oferta total de Si mesmo na imolação do amor crucificado e na alegria da Ressurreição. Pedimos-lhe, as vezes, um pouco de guia espiritual, de amizade, de luz, de consolação, e no templo da sua presença e da sua oração, entramos por um momento, sem permanecer muito. Quando Ele, ao invés, oferece tudo, para sempre, sem limites de tempo e espaço, sem limites de amor, se oferece totalmente por nós, sempre!

Mas quando em nossas vidas e nas vidas das nossas comunidades deixamos de colocar no centro o mistério do Cordeiro, perdemos a paz. A verdadeira paz não consiste na ausência de problemas, dores e preocupações. A paz nos é dada quando permitimos humildemente ao Senhor de responder, através de sua presença e seu amor, à nossa necessidade de Deus, necessidade de luz e vida, necessidade de sermos guiados e encontrar a realização no amor. É justamente isto que nos quer dar o Cordeiro de Deus, oferecendo-se por nós e doando-se a nós como Templo, Luz, Fonte, Pastor e Esposo.

A paz de Cristo é o dom gratuito e permanente do Cordeiro. Seu amor alimenta-a, o seu sangue a torna segura, a sua ressurreição a anima. Esta nos é dada com a sua vida, sua presença e seu amor. É a paz da ovelha que tem um pastor; a paz da esposa de um esposo fiel. A paz de Cristo nos é dada com Ele. Ele mesmo é a nossa paz (cf. Ef 2,14). Aquilo que nos deve desconcertar e assustar, não é a perda da paz, mas a perda do Senhor, a possibilidade de destacar-nos Dele.

A liturgia nos faz evocar: "Cordeiro de Deus que tirai os pecados do mundo, dai-nos a paz". E logo depois o recebemos e nos unimos à Ele na Comunhão eucarística. Nossa paz é o dom acolhido da comunhão com Jesus, e n'Ele com todos.

O novo cântico das testemunhas do Cordeiro

O Apocalipse nos fala de um "cântico novo" (14,3), um "cântico do Cordeiro" que desce do céu, acompanhado pelo som "das harpas de Deus" (15,2-3). É o cântico que somente podem aprender e cantar "os resgatados da terra", aqueles que "seguem o Cordeiro por onde quer que vá", apegados somente a Ele, sem mentiras e sem manchas (cf. 14,3-5). São os mártires, as testemunhas que "venceram [o

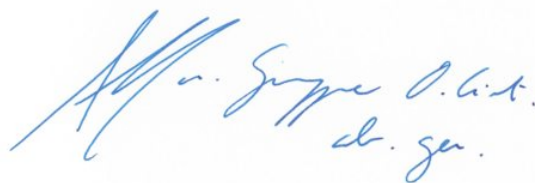
acusador] graças ao sangue do Cordeiro e testemunho do martírio, porque desprezaram as suas vidas até a morte "(Ap 12,11).

São aqueles para quem o Cordeiro é realmente pastor, esposo, luz, templo e fonte de vida. Na docilidade deles para seguir o Cordeiro, para unirem-se mais ao seu destino, tornam-se os humildes executores do cântico sinfônico de comunhão de Cristo e em Cristo. Eles são os únicos que transmitem ao mundo a beleza da Redenção na comunhão.

O cântico deles nos atrai às núpcias do Cordeiro, nos atrai, como as crianças do desenho, a entrar com todo nosso ser na orquestra da sinfonia da comunhão, cada um com suas qualidades e seus limites, sem temer desafinar ou tocar notas erradas, porque o cântico não é nosso, e é um cântico de misericórdia, reconciliação, humildade e mansidão, o cântico de um Cordeiro imolado e vivo. Quem fixa o coração e o olhar n'Ele, quem se deixa, docilmente, reger e conduzir por Ele, recebe Dele mesmo a harmonia do Espírito que nos faz todos juntos instrumentos e testemunhas da Comunhão de Deus que cuida e cura as feridas do mundo .

A vida nova é um cântico, uma harmonia, que somos chamados a aprender do Cordeiro de Deus, seguindo-o, amando-o, capturando Nele a vida, luz, misericórdia e alegria pascal. A vida nova que muda o mundo é uma vitória graças ao sangue do Cordeiro e do testemunho das pessoas que desprezam as suas vidas até a morte para preferir Aquele que por primeiro, e por nós, "humilhou-se e tornou-se obediente até à morte, e morte de cruz "(Fl 2,8).

Não é talvez esta a melodia sinfônica do cântico do Cordeiro que a vocação, o carisma, a Regra de São Bento, especialmente no capítulo sobre a humildade, nos ensina a cantar juntos com toda a Igreja, com o Papa Francisco, com os pequenos e pobres da humanidade, a fim de que venha do alto à terra, aqui e agora, entre nós e com todos, o Reino da Comunhão de Deus?

A handwritten signature in blue ink, reading "Ir. Mauro-Giuseppe Lepori" and "Ab. gen." below it.

Ir. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist

Roma, Pentecostes 2013